

Saiamos de nós mesmos!

René Lourau e o dispositivo da A. I. em Paris VIII *

Gilles Monceau **

“Saiamos de nós mesmos: podemos respirar um vento fresco, sem dúvida, mas em nada hostil.”

René Lourau

Les Cahiers de l'implication nº. 1, hiver 1997/98, p. 13

Cheguei à Universidade de Paris VIII em outubro de 1987 para seguir estudos de licenciatura em ciências da educação e, onze anos mais tarde, fui recrutado para desempenhar a função de mestre de conferências. Eu havia defendido uma tese sobre o conceito de resistência em janeiro de 1997, sob a orientação de René. Em março de 2000, alguns meses depois de sua morte, assumi a responsabilidade do Laboratório de Pesquisas em Análise Institucional. Tudo correu rápido, rápido demais. Aproveito, assim, para fazer um primeiro balanço, muito pessoal, do “efeito”¹ que René imprimiu à nossa equipe nos últimos anos.

Tenho a impressão de que foi então que se produziram mudanças rápidas na maneira como René Lourau concebia a relação da análise institucional com a Universidade. Durante esse período, um grupo de estudantes trabalhou com ele acerca do conceito de implicação², tanto em seus desdobramentos nos campos profissional e político como no da pesquisa.

No decurso dos cinco últimos anos, vi René cada vez mais preocupado com o devir da análise institucional. Inquietava-se e inclusive se irritava, às vezes, porque seus primeiros alunos, primeiros doutorandos, não pareciam se preocupar suficientemente com isso. Fazia-os trabalhar muito, incitava-os a traçar caminhos próprios e, ao mesmo tempo, os queria por perto. Conosco³ – que, de modo geral, não tínhamos conhecido Poitiers nem Nanterre, nem mesmo Vincennes –, René era diferente.

Georges Lapassade me dizia, pouco depois da morte de René, que este, afinal, havia obtido êxito em sua carreira universitária segundo o modelo clássico do mandarim, uma vez que construía uma revista, um laboratório e um seminário.

Este dispositivo – que, como se pode observar, é triádico – tomou sua forma atual em 1997, com a criação da revista por René e nosso grupo. Mostrarei aqui que tal dispositivo (revista, laboratório e seminário), constitutivo da “máquina” da análise institucional em Paris VIII, continua a se desenvolver sob o “efeito” que René lhe imprimiu.

Um sonho de revista

René sonhava com uma revista de análise institucional. Participara, anteriormente, de diversos comitês de redação. A experiência mais marcante, sem dúvida, fora a da revista *Autogestions*, da qual se desligou, junto com outros institucionalistas, por ocasião de um conflito.

Com base em um modelo semelhante ao “diário escolar” das classes cooperativas, durante anos fora produzida uma publicação “artesanal” no quadro do seminário de Terceiro Ciclo. Era *La Sainte Famille* (*A Sagrada Família*), para a qual inúmeros estudantes (dentre os quais alguns brasileiros), atualmente doutores, escreveram seus primeiros artigos.

La Sainte Famille havia sido concebida segundo um procedimento autogestionário de pedagogia da pesquisa. René se recusava a utilizar os serviços da Universidade para facilitar a produção desse boletim. A gestão material e econômica do mesmo era feita, portanto, pelas próprias pessoas que escreviam. Tal dispositivo permitia uma iniciação aos meandros da publicação mediante uma experiência direta, em situação, de negação da divisão do trabalho.

A permanência de um grupo de trabalho acerca do conceito de implicação e o desejo crescente, por parte de René, de ver surgir uma “verdadeira” revista de análise institucional nos levou a aceitar a institucionalização, mas igualmente a pesquisá-la. Para tanto, decidimos

utilizar os recursos da Universidade, cujo manejo se revelou bem mais fácil do que pensávamos a princípio. Além dos novos desejos atizados pelo nascimento de uma revista que se pretendia internacional, as questões técnicas assumiram importância crescente. Não escapamos inteiramente a efeitos de normalização, atraídos que estávamos pela forma “revista universitária”. A bem conhecida complexidade de qualquer processo de institucionalização não deixou de ativar, entre nós, as contradições internas relativas às relações com a escritura, a edição, a pesquisa e a universidade.

Nosso próprio diretor de publicação freqüentemente ficava indeciso ao confrontar-se com a atualização de seu sonho. Com efeito, nossa permanente atenção ao negativo tornava sempre incerta a transformação do sonho em realidade. Aliás, é justamente desta dificuldade coletiva que fala René nas primeiras linhas do primeiro texto do primeiro número dos *Cahiers de l'implication*:

No momento de lançar uma revista de análise institucional a partir do laboratório de mesmo nome em Paris VIII, uma questão se coloca: não estaremos demasiado confortavelmente instalados numa pseudomarginalidade que se traduziria seja por um modo defensivo de escritura (supervalorização de referências internas) seja por uma tendência ao balanço autobiográfico perpétuo, destinado a mostrar (e, em primeiro lugar, a nos mostrar no espelho) a efetividade de uma corrente de pesquisa da qual mal se avalia a fragilidade e, ainda pior, a consistência e a coerência?⁴

Em seguida, no mesmo texto, René ainda evoca “a eterna adolescência neotênica da AI”.

Hoje, a revista continua em atividade, com vários números em preparação, com a criação de um *site* na internet⁵, com o desenvolvimento de uma rede internacional de correspondentes. Chegamos a repelir algumas tentativas de “tutelamento” depois da morte de René⁶ e, sem dúvida, é o modo autogestionário, sempre caótico, que nos tem permitido prosseguir sem ele. Entretanto, nosso diretor não

ocupava no coletivo um lugar como outro qualquer, e sua perda criou um vazio tanto afetivo quanto intelectual. Sem saber exatamente como, fizemos o re-arranjo dessas implicações libidinais. Parece-me que somente agora, dois anos após a morte de René, é que começamos verdadeiramente a poder analisá-la e tirar as conseqüências disso.

O projeto da revista permanece aquele iniciado com René: dialogar com autores externos sobre temas que interessam à análise institucional, notadamente o conceito de implicação. Nesta direção, aceitamos artigos de estudantes ao lado de escritos de autores "reconhecidos". A dimensão internacional se concretiza em nosso último número (o quinto), que publica vários artigos vindos da América Latina, dentre os quais três do Brasil. Consagrado ao analisador dinheiro, o número foi concebido e realizado após o desaparecimento de René, num período de luto.

Um laboratório

Quando se referia ao Grupo de Trabalho acerca da Implicação, René freqüentemente o chamava "o Labo". Não gostava muito que eu o fizesse constatar seu erro, que me parecia excludente quanto aos outros membros do laboratório. Para René, porém, o todo estava nas partes, já que todos podiam participar da atividade de cada parte.

Em Paris VIII, nossa equipe só veio a dispor de uma sala (que dividíamos com outros) depois de alguns anos. Oferecendo uma base material à equipe, esta territorialização deu um novo sentido ao que entendíamos por "laboratório". Sendo assim, atualmente chegamos por vezes a identificar o laboratório com o local que o abriga!

Durante muito tempo, os contornos do que René denominava "laboratório" foram imprecisos ou evolutivos. Para ele, o laboratório era praticamente composto pelo conjunto de institucionalistas com que mantinha relações pessoais. O próprio René traçava os limites e às vezes se autorizava a avaliar, com franqueza total e um pouco ríspida, se fulano ou sicrano era ou não um integrante, usando frases definitivas do tipo: "O

que ele faz nada tem a ver com análise institucional". Isto ocorria de maneira freqüentemente imprevisível e nos deixava surpresos. De fato, o laboratório só assumiu verdadeiramente sua forma atual com a atribuição de uma sala e o desenvolvimento de atividades próprias, voltadas para o exterior: jornadas de estudos⁷, revista e socioanálises.

A última socioanálise conduzida por René, com uma equipe da qual eu fazia parte, é, aliás, muito representativa de sua hesitação entre continuar a desenvolver intervenções a partir de estruturas extra-universitárias e realizá-las diretamente a partir do LRAI. Assim, ao longo dos dois anos que durou essa socioanálise, René freqüentemente cometeu o "lapso" de integrar a associação extra-universitária Recherches Socianalytiques (Reso) ao LRAI. Isto ensejou discussões acirradas no *staff* de intervenção. Seu texto "Dispositif et champ d'intervention"⁸ é revelador a esse respeito. Durante o ano de 2000, René deveria empreender, juntamente com Débora Sada, uma socioanálise em Lille cuja realização se daria a partir de nossa estrutura universitária. Eu já implantara a base administrativa e contábil que torna possível desenvolver esse tipo de atividade e está em funcionamento desde 1999: do primeiro semestre 2000-2001 em diante, estão previstas horas de trabalho de modo a permitir que haja uma supervisão das intervenções desenvolvidas por membros do laboratório⁹, que também envolvem estudantes-pesquisadores. Sílvia Tedesco e Maria Osório (UFF) tiveram a oportunidade de acompanhar situações como esta, por ocasião de uma estada em Paris. Outra amiga brasileira, Solange L'Abbate (Unicamp), participou da supervisão de uma intervenção durante um ano.

O problema dos limites de nossa equipe só foi realmente colocado a partir da vontade de inscrever a análise institucional nas instituições universitária e de pesquisa. Nosso laboratório elaborou então uma definição administrativa cada vez mais clara, à medida que o Estado especificava com maior precisão o que deveria ser uma equipe de pesquisa reconhecida. O processo foi particularmente intenso na segunda

metade dos anos 1990, momento em que alguns de nós optaram por desenvolver seus próprios centros de interesse, criando uma outra equipe.

A partir de 1996, foi encontrada uma espécie de solução de compromisso entre a definição ideal, mais ampla, e a definição estatal do laboratório: hoje, “administrativamente”, são membros do LRAI diversos institucionalistas universitários fora de Paris VIII, na França (Patrick Bourmard em Rennes, Jacques Guigou em Montpellier, Patrick Bellegarde em Perpignan, Jean-François Marchat em Limoges, Jacques Pain em Paris X – Nanterre) e fora dela (Despina Karakatsani na Grécia, Ahmed Lamihi no Marrocos, Gregorio Kaminsky e Cristian Varela na Argentina, Marcelo Carillo no México). No Brasil estão Sandra Petit (Fortaleza), Solange L’Abbate (Campinas), Heliana Conde (UERJ) e Regina Benevides (UFF). Paralelamente, outros pesquisadores associados participam das atividades do laboratório, oriundos principalmente dos domínios do ensino e da saúde. Institucionalistas externos a Paris VIII também colaboram com algumas de nossas atividades sem pertencer “organicamente” ao LRAI. É o caso do semiólogo Robert Marty, da Universidade de Perpignan, por exemplo.

O *Laboratório de pesquisas em análise institucional*, que esteve sob a responsabilidade de René até sua morte, ainda hoje pertence a uma estrutura mais ampla, o *Laboratório de ciências da educação*, pelo qual Antoine Savoye é responsável desde 1996. Com efeito, não se deve esquecer que foi no Departamento das Ciências da educação que a análise institucional se implantou em Paris VIII. Esta situação é diferente da realidade brasileira, onde são principalmente os departamentos de psicologia que acolhem as pesquisas em análise institucional.

Pessoalmente, relaciono o fato de René ter favorecido, malgrado inúmeras hesitações, um processo de institucionalização fortemente determinado pelo princípio de equivalência, com as inquietações que ele revelava quanto à perenidade da análise institucional. Tudo me parece mostrar que René se reconciliou, em parte, com a instituição universitária,

embora não alimentasse ilusões acerca dos inúmeros efeitos institucionais “indesejáveis” dessa escolha, talvez um tanto forçada.

Acredito igualmente – ponto em que tenho divergências com outros – que a análise institucional é uma abordagem teórica conduzida por um movimento que não deve ser nem identificado nem reduzido ao *Laboratório de pesquisas em análise institucional* de Paris VIII. Os indivíduos, grupos e organizações inscritos nesse movimento devem desenvolver colaborações horizontais, dedicando-se aos atuais questionamentos de nossas sociedades acerca de si próprias. A barreira dos idiomas nacionais permanece obstáculo importante, mas de forma alguma intransponível. Colaborações diversas, formalizadas por convênios, desenvolvem-se não somente entre nossa equipe e outras, como entre equipes argentinas e brasileiras, por exemplo. Parece-me que isto se torna mais imperativo ainda depois da morte de René, que embora dissesse (e escrevesse) “não sou depositário carismático de verdade alguma...”¹⁰, nada podia fazer contra o fato de se encontrar bem no centro de relações tecidas em torno e a partir dele.

René era efetivamente um “construtor de laços”¹¹, tanto entre pessoas quanto entre conceitos: suas atividades sociais e intelectuais construíram progressivamente o campo da análise institucional que, segundo o próprio René, Georges Lapassade inventara. É igualmente a singularidade dessa gênese que explica o fato de ninguém poder pretender ocupar, hoje, o lugar que era de René. Por conseguinte, a análise institucional “louraudiana” será cada vez mais diversificada.

Um seminário

Uma das ferramentas que, no correr dos anos, permitiu que se tecesse o pano de fundo da análise institucional foi sem dúvida o seminário de Terceiro Ciclo. Inúmeros sul-americanos dele participaram por ocasião de um doutorado em Paris VIII ou de visitas à França. Depois de ter co-animado o seminário junto com Antoine Savoye, René passou a

fazê-lo ao lado de Patrice Ville. Após a aposentadoria de René, em junho de 1999, Patrice começou a animá-lo sozinho até que fosse suprimido no período 2000-2001. Poderíamos especular acerca da maneira pela qual o seminário de análise institucional desapareceu da formação doutoral, revelando alianças curiosas e, sem dúvida, também nossa própria insuficiência.

Como não podíamos aceitar esse desaparecimento, um coletivo de professores e estudantes, a partir de uma idéia de Antoine Savoye, lançou as bases de um seminário de pesquisa em análise institucional que teria lugar aos sábados. Alheio ao curso instituído, tal dispositivo de trabalho tinha por objetivo assegurar a permanência de uma forte presença intelectual da análise institucional em Paris VIII, dotando o laboratório de uma ferramenta nova que favorecesse o encontro com pesquisadores vindos de outros laboratórios cujos interesses de pesquisa pudessem se cruzar com os nossos, bem como com praticantes de diversos setores interessados por nossos trabalhos. Para os estudantes, representava ainda uma oportunidade suplementar de formação em pesquisa.

Em 2000-2001, as sessões foram consagradas aos seguintes temas: “a instituição reabsorvida” (Jacques Guigou), “a escolarização das crianças ciganas” (Patrick Boumard e Isabelle Tanché), “especificidades da escritura em análise institucional” (Régine Angel e Dominique Samson), “economia social e experimentação” (Patrick Bellegarde e Jean-François Marchat), “pedagogias institucional e autogestionária” (Jacques Pain, Anne-Marie Bonniseau e Bernard Elman)¹². Colegas brasileiros participaram de algumas sessões quando de passagens por Paris.

A expulsão do seminário de terceiro ciclo da formação doutoral levou-nos a criar um espaço novo. Em 2001-2002 a situação mudou outra vez, já que recuperamos um seminário de análise institucional no interior da formação doutoral.

O Devir

René Lourau nos convidava: "Saiamos de nós mesmos". Este impulso voluntarista, tanto no plano teórico como no prático-organizacional, não significava ficar totalmente à mercê do acaso dos encontros e acontecimentos. Supunha um dispositivo, isto é, "uma organização/ação", conforme a definição do próprio René.

Assim, se para Georges Lapassade o conjunto constituído pelo seminário, pela revista e pelo laboratório marca o acesso de René ao estatuto de mandarim universitário, parece-me que a evolução da tríade durante dois anos mostra, sobretudo, que o mandarim era de uma espécie particular. Seus desejos, encontrando os nossos, produziram essa acelerada "assunção de forma" nos últimos anos. Hoje, o dispositivo continua seu desenvolvimento – contraditório e às vezes conflitual, naturalmente! – segundo o princípio de transdução que René introduzira na análise institucional a partir dos trabalhos de Gilbert Simondon.

Para trabalhar com René, era necessário poder se confrontar com ele. Agora que não mais está fisicamente presente, é de outra maneira que nós trabalhamos com ele e contra ele, procurando evitar uma idealização mortal de sua lembrança. É chegado o momento de produzir as primeiras análises críticas de sua obra. Foi o que empreendi juntamente com Ahmed Lamihi, preparando uma obra coletiva que retomará seus livros um a um. Ela sairá em setembro de 2002¹³ e talvez venha a ser traduzida no Brasil.

Gosto de me lembrar das "brincas" de René, de suas impaciências e de suas dúvidas, assim como da maneira como ele podia, em certos momentos, comportar-se como "mãe" protetora e exclusivista...

Gilles Monceau **

* Texto inédito. Tradução: Paulo Schneider. Revisão técnica da tradução: Heliana de Barros Conde Rodrigues e Sonia Altoé.

** Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Paris VIII.

¹ O termo "efeito" é empregado aqui como em certos jogos praticados com bola, comuns no sudoeste da França (de onde provinha René) e na América do Sul.

² O estudante Dino Ferrato, do Grupo de Trabalho sobre a Implicação (GTI), publicou em 1994, no número 144 da revista *POUR (Analyse institutionnelle et éducation)*, artigo intitulado "*L'analyse de l'implication. Vers un nouveau mode de recherche en sciences sociales*".

³ Nós éramos doutorandos e recém-doutores.

⁴ René Lourau, "Le Bar au monde", *Les Cahiers de l'implication*, nº 1, hiver, 1997/98, p. 9.

⁵ Devemos esta realização a Gwenaël Couïc: <http://cahiers.implication.free.fr/>. Cabe acrescentar que depois de ter resistido durante muito tempo, René acabou por se conectar à Internet, com a ajuda de Patrice Ville.

⁶ Danielle Guillier e eu mesmo assumimos, desde então, a co-responsabilidade administrativa da revista.

⁷ Em particular com a Associação francesa Janusz Korczak, da qual René era presidente.

⁸ *Les Cahiers de l'implication* nº. 3, 1999.

⁹ Em 2000-2001 foram realizadas quatro intervenções de longa duração, em diferentes estabelecimentos e organismos educativos.

¹⁰ *Les Cahiers de l'implication* nº. 4, p. 150.

¹¹ Débora Sada me sugeriu esta expressão.

¹² Um relatório deste seminário foi publicado no número 5 de *Les Cahiers de l'implication*.

¹³ N. do T. O livro mencionado já foi publicado: LAMIHI, A. e MONCEAU, G. (dir.) – *Institution et implication*. Paris: Syllepse, 2002.

** Departamento de Ciências da Educação, Universidade de Paris VIII.